

# BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida,  
Dr. Antonio do Valle e Sousa,  
Conde da Esperança,  
E. Severim de Azevedo (Crispim),  
Ferreira Mendes,  
D. Jorge de Menezes,  
J. Nunes de Freitas,  
Luiz Trigueiros,  
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Azeu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE FEVEREIRO DE 1914

N.º 361

## THEATROS

### Theatro da Republica

«D. Francisco Manuel»



Final do 2.º acto

(Phot. de ...)

## 15 annos de publicação

São decorridos 15 annos desde que o «Brasil-Portugal» pela primeira vez viu a luz da publicidade.

Ao entrarmos no 16.º, não é sem um grande jubilo e um certo orgulho que, olhando para o caminho já percorrido, nos dispomos a continuar a jornada, com a certeza de que nos acompanharão, como até aqui, as sympathias de todos os nossos leitores e a collaboração inestimavel de muitos amigos dedicados.

A uns e outros, não esquecendo os que no Brasil, na Africa e em outros pontos do globo estão honrando a patria portugueza e demonstrando a vitalidade da nossa raça, envia esta Revista as suas saudações, garantindo-lhes que continuará, não obstante todas as difficuldades dos tempos que vão correndo, a executar o programma que desde o primeiro numero tem sido a sua norma de conducta, archivando nas suas paginas tudo quanto possa ser agradável aos que distinguem o «Brasil-Portugal» com a sua amizade, tudo quanto possa honrar as tradições do paiz e as suas crenças religiosas.

### A EMPRESA.

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de fevereiro de 1914

Foi uma quinzena agitadissima a que hontem findou.

Dois assumptos importantes prenderam a attenção do paiz: — a grève dos ferro-viarios e o conflicto levantado entre o governo e o Senado, conflicto que terminou pela demissão do gabinete presidido pelo sr. dr. Affonso Costa, em seguida a uma sessão parlamentar que nenhum brilho deu ás instituições e cujo seguimento foi uma noite de desordens sangrentas, provocadas por uma manifestação intempestiva, que só como provocação á paciencia do publico podia ser encarada.

A grève dos ferro-viarios, que ao principio ameaçava revestir um aspecto gravissimo, perdeu dentro de poucos dias toda a sua importancia, ficando os grévistas em peor situação do que estavam antes do conflicto, porque é sempre mau, qu pelo menos é sempre ridiculo, que alguém se metta em danças. . sem saber dançar.

Em todo o caso, d'esse conflicto alguma cousa resultou de aproveitavel: — foi a lição que os factos succedidos deram ao operariado.

Foi o elemento operario, toda a gente o sabe, o principal apoio da propaganda republicana e sem o seu concurso nunca a revolução de 5 de Outubro teria sido feita ou teria vingado.

Foi o operario que, esquecendo os seus interesses, esquecendo que a politica só é boa para os politicos, mettendo-se a inimigo das instituições monarchicas, esquecendo que na Allemanha e na Inglaterra, bem como n'outros paizes onde o mais alto representante do estado é ainda um rei, os trabalhadores teem conseguido um numero importante de regalias e uma longa representação parlamentar, quem, mal orientado, a ponto de não vêr as suas conveniencias, forneceu publico para os comicios e applausos aos respectivos oradores, deixando-se levar pelas promessas d'um futuro mais feliz e engrossando assim o partido republicano, o qual sem

o seu auxilio nunca passaria d'uma meia duzia de doutores que evidentemente não chegariam para fazer uma revolução.

O que os operarios lucraram com essa attitude tem-se visto e viu-se ainda ha dias por occasião do seu recente movimento de protesto.

A republica deu-lhes, é certo, o direito á greve, mas esse direito é regularizado por tal forma que deixa de constituir uma regalia para os trabalhadores para passar a ser apenas uma arma poderosa nas mãos do capital que, prevenido a tempo, tem occasião de se preparar e defender contra as reclamações do trabalho.

Quanto ao mais tudo está na mesma. Os governos da republica, assim como os da monarchia, protegem, como é do seu dever, a liberdade de trabalho e não está na alçada dos primeiros, como a não estava na dos segundos, fazer com que as grandes empresas, as poderosas companhias ou os mais modestos patrões, remunerem o seu pessoal por nma forma mais compativel com as necessidades sempre crescentes da vida moderna e como seria talvez de justiça em vista dos grandes lucros que para algumas d'essas empresas resultam do trabalho dos seus operarios e empregados.

Que lucrrou, portanto, o operariado?

Nada, absolutamente nada, e talvez não seja demasiado arrojo afirmar até que perdeu com o desasocego em que o paiz tem vivido desde ha 3 annos e com o facto de muita gente rica e bem collocada ter emigrado ou estar presa.

E d'ahi — quem sabe?! — Talvez o operariado se julgue feliz com a lei do divorcio, para usar da qual não tem dinheiro, ou bem alimentado com a lei da separação que, segundo se diz, é a lei basilar do regimen.

Quanto á demissão do gabinete presidido pelo sr. dr. Affonso Costa e aos acontecimentos que lhe deram origem, ferçoso é confessar que o chefe democratico, que até certa altura foi o mais habil dos politicos republicanos, tão habil que a todos conseguiu dominar e vencer, veiu, afinal, a cahir da maneira mais desastrada que é possível conceber-se.

Elle, que se apoiava na Rua, que de facto era o unico idolo que ainda existia inteiro e a quem o povo republicano ainda prestava homenagem, como aqui tive occasião de accentuar, cahiu envolto nas manifestações de desagrado do publico, n'essa noite sangrenta de 26 do mez findo, aos gritos de *abaixo o tyranno, abaixo o dictador*.

Não vale a pena historiar o conflicto parlamentar que foi a causa primaria da queda do gabinete democratico. Todos os leitores o conhecem e avaliam sufficientemente os seus aspectos.

O que é preciso frisar é a longa serie de erros praticados pelo chefe do fallecido ministerio, erros politicos de tal ordem que não seriam desculpaveis nem mesmo ao mais modesto regedor.

Foi primeiro o *elogio historico* de Homero de Lencastre, feito no parlamento pelo sr. dr. Alexandre Braga, e que de certo não foi pronunciado sem conhecimento antecipado do presidente do gabinete.

Foi depois o seu desprezo pelas tremendas accusações do senador João de Freitas e a sua permanencia no poder quando tudo aconselhava a que se retirasse, visto não poder ser ao mesmo tempo ministro e reu.

Foi em seguida a sua teimosia, que nem n'uma creança seria desculpavel, de não querer comparecer no Senado emquanto o sr. Goulart de Medeiros fosse o presidente d'aquella casa do parlamento, isto depois de se ter sujeitado ao vexame de lhe ser devolvida uma carta, que ao mesmo Senado havia dirigido, por não estar escripta em termos correctos.

Foi, finalmente, a sua tentativa de ataque á Constituição, tentativa que o sr. Braamcamp Freire dignamente repeliu, e, para coroar toda esta obra inhabil, o seu consentimento para que se lhe fizesse uma manifestação de homenagem, de agradecimento pelo novo *superavit* com que S. Ex.<sup>ª</sup> brindou todas as creaturas humanas que tiveram a felicidade de nascer n'este paiz.

Ora a verdade é que tudo aconselhava o sr. dr. Affonso Costa a que prohibisse a manifestação que os seus fanaticos lhe preparavam. Era um acto de modestia que lhe ficava bem e que lhe teria sido de utilidade.

O fiasco era de prever, mas, se acaso a manifestação fosse prohibida, o chefe democratico ficaria com o direito de dizer que a realisar-se teria sido uma coisa grandiosa.

Porque não viu isto, uma cousa tão simples, o sr. dr. Affonso Costa?

Deixou de funcionar o seu cerebro? Cegou-o a ambição e o desprezo pela campanha que contra elle se vinha levantando desde as eleições? Quiz ainda tentar mais uma vez a fortuna? Lisonjeava-o que o publico da capital o victoriasse emquanto no parlamento os deputados e senadores opposicionistas o aggrediam? Era o ultimo balão de oxygenio que tencionava applicar á vida do gabinete?

Enganou-se e mostrou não conhecer o terreno que pisava. A historia das multidões é sempre a mesma e mal vae a quem pretende apoiar-se em terreno tão movediço.

O sr. dr. Affonso Costa foi duplamente inhabil e d'ahi resultou prejudicar-se e prejudicar a republica.

E' certo que para os monarchicos, que são a grande maioria do paiz, era elle o homem mais prejudicial e o peor inimigo de todas as tradições e de todas as crenças da nossa terra, mas, entre os republicanos, não ha duvida que era ainda até ha pouco o mais prestigioso dos chefes politicos,

Esse prestigio, porém, esfarrapou-o a cidade de Lisboa n'uma só noite e não será facil que o sr. dr. Affonso Costa o venha a recuperar, não obstante possuir uma minoria na camara dos deputados que lhe permite a execução de muitas phantasias e de muitos caprichos.

Quanto ao novo regimen é preciso ser cego para não vêr que foi elle quem mais soffreu com os gravissimos acontecimentos da noite de 26.

Em todas cidades do mundo, motivados por questões entre o capital e o trabalho ou pelo embate de ideias politicos totalmente oppostos, ha, de vez em quando, conflictos sangrentos que os noticiarios registam nós lemos com um certo estremecimento de pavor.

Maior, portanto, foi aquelle que experimentámos, nós e toda a gente pacifica d'esta linda cidade de Lisboa, vendo-a entregue, durante algumas horas, á desordem, á anarchia, e sabendo que eram individuos que professavam as mesmas crenças aquelles que nas suas se espancavam, feriam ou tentavam matar, lançando mão de todos os meios de lucta, desde a simples bengala até á bomba trai-

çoira cujo uso o Museu da Revolução teve o mau gosto de consagrar.

Onde se viu uma coisa assim e com que direito em taes condições se perturba o socego d'um povo?

E' assim a promettida a fraternidade?

J. NUNES DE FREITAS

O mundo tolera muitos vicios, mas não os seus diminutivos.

ARTUR HELPS.

## Em acordando...

Coração triste... pára e adormece  
sobre as ruinas do teu sonho enorme!  
Dorme... que a gente esquece, quando dorme,  
a amargura que os olhos entristece.

Dorme, que a dor na vida transparece  
como visão sonambula, angariforme.  
Pára... E que em nada o sonho se transforme,  
que o sono é um coval onde se aquece,

E em acordando observa todo o peito  
e verás n'elle o teu Passado, feito  
de prantos, de soluços doloridos,

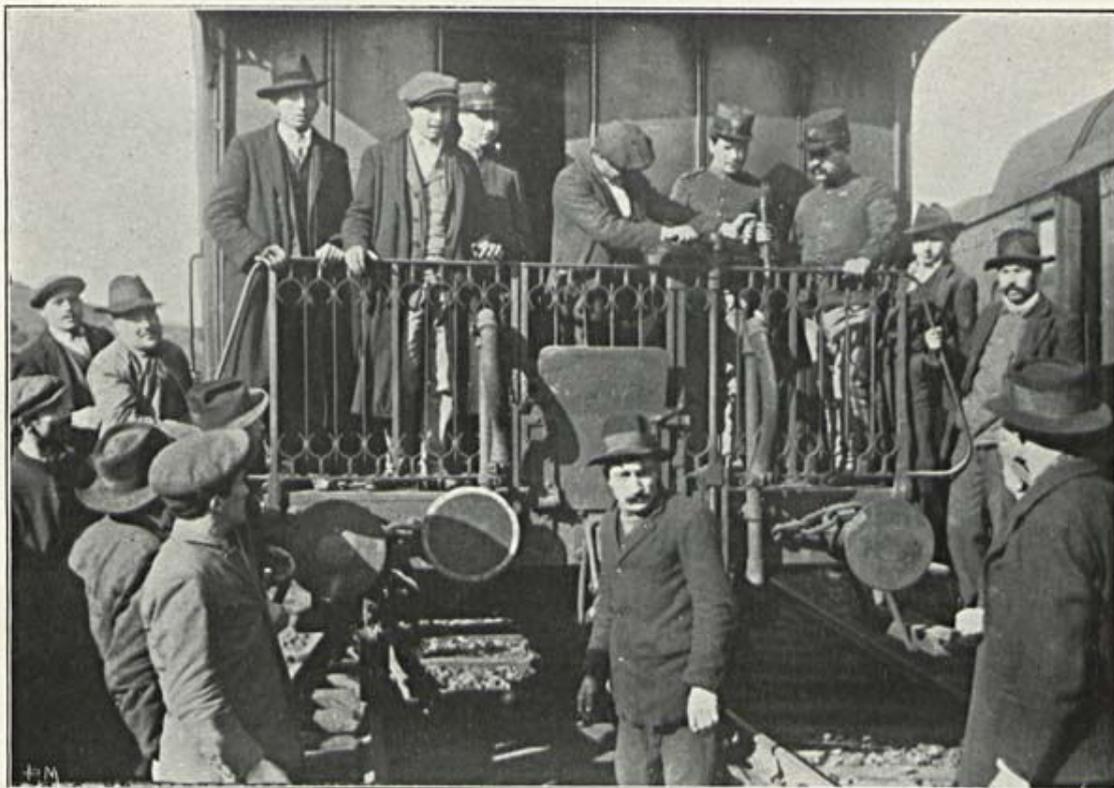
enchendo a vala aberta pelos beijos,  
na necrópole imensa dos desejos,  
onde os ciprestes são braços erguidos.

(Do livro «Agonias Perversas»  
cuja offerta agradecemos.)

AUGUSTO RICARDO.

## Movimentos de protesto

### A greve dos ferro-viarios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes



Impedindo a circulação dos comboios — Os grevistas travando uma carruagem em Campolide

(Phot. de ...)

## O Meteorito

**E**LLA apparecera uma noite inopinadamente, sem ser esperada, sem que ninguém soubesse dizer donde viera nem ao que se propunha.

A nossa *élite* vira-a surgir n'uma primeira ordem em S. Carlos, em noite de gala, e ficara deslumbrada mais da irradiação dos seus olhos do que d'aquella produzida pelos brilhantes que,

Vinte annos em toda a pujança, em todo o vigor, com todo o viço, todo o encanto, toda a belleza natural, sem o arteficio do mais pequeno adorno de Veloutine!

N'ella havia simplicidade e o branco da sua cutis setinosa, transparente, mostrava o azulado das suas veias cheias de vida e a côr roza da sua carne exuberante de formas a exceder em esculptura e em estetica tudo quanto até ali a natureza tinha produzido e os artistas tinham phantasiado!

Quanto ao seu rosto, nem Murillo, nem Rubens, tinham encon-



**A greve dos ferro-viarios** — *Os grevistas tentando atravessar as carruagens nas linhas não obstante estarem occupadas pela guarda republicana*

em profusão, lhe adornavam a cabeça, o colo, os braços e os dedos!

Era como que uma aparição sobrenatural, phantastica, feérica! Era um deslumbramento!

trado modelos ou tinham idealizado primores que se lhe assemelhassem!

A leitora dirá ser tudo isto um exaggero de quem escreve estas linhas, mas pode crer que não, não se exaggera. E, se V. Ex.<sup>a</sup>

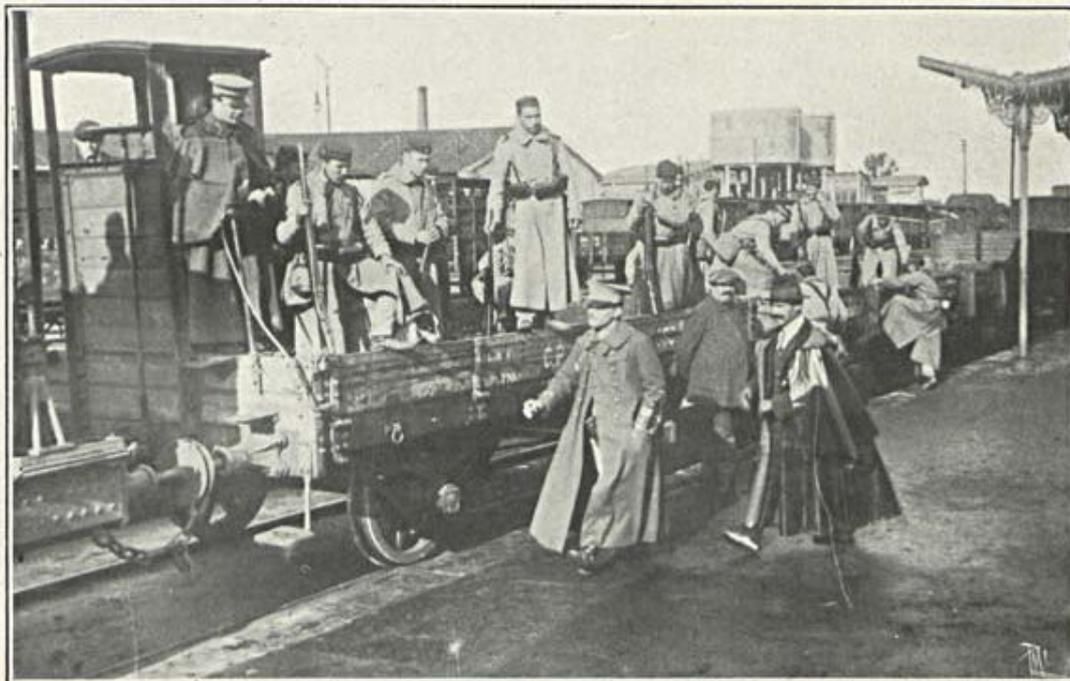


**A greve dos ferro-viarios** — *Os officizes que occuparam a estação do Entroncamento vendo os actos de «sabotage», praticados pelos grevistas (Phot. de ...)*

se der ao cuidado de analysar cuidadosa e minuciosamente todas aquellas com que topar na estrada ora plana ora acidentada da sua vida, ha de encontrar — não muitas — mas algumas mulheres que sobrelevem as maiores bellezas que a imaginação produziu para colorir, illuminar ou decorar as suas obras sejam ellas quaes forem.

lamos, pois, dizendo, que ella assombrara e concluiremos por

Em menos de um mez Liza C. a espectadora que apparecera subitamente a deslumbrar S. Carlos, entrava em todos os salões, era indispensavel em todos os *five*, não havia partida de *sport* para que não fosse reclamada a sua presença, não havia obra de cari-



A greve dos ferro-viarios — No Entroncamento — Soldados de engenharia em serviço de reparação das linhas

dizer que esse assombro — assumpto de todas as conversações dessa noite — só teve limites quando um coupé de molas finissimas a arrebatou da porta do thatro, ievada por dois cavallos *pur sang*.

Quem era?

D'onde vinha?

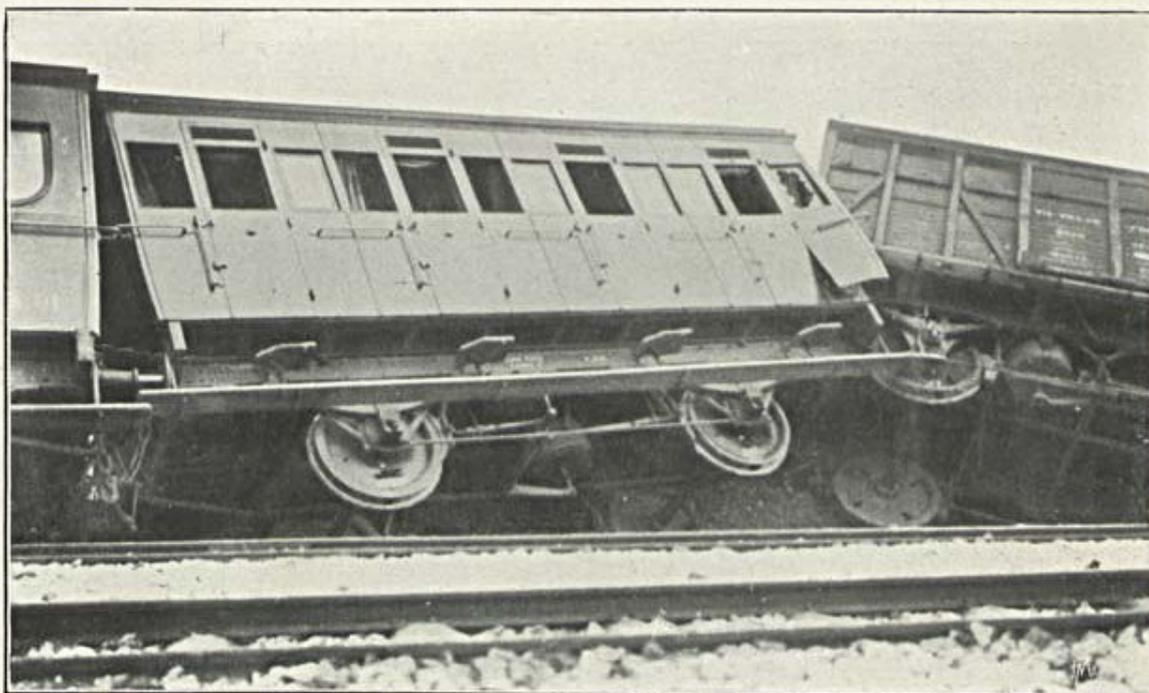
Onde habitava?...

Onde habitava, principalmente, é que se tornava preciso saber, porque na nossa sociedade o *quem é* e *d'onde vem* pôde considerar-se questão secundaria.

Haja dinheiro...

dade a que faltasse o seu obulo, não havia commissão fosse de que genero fosse — de que não fizesse parte, e as meninas e meninos *gatê*, traziam-na como vulgarmente, muito vulgarmente mesmo, se costuma dizer — *nas palminhas!*

Não havia mulher mais formosa, mais gentil, mais encantadora, mais amavel e amoravel. Não chegava mesmo a haver adjectivos para acompanhar o seu nome aureolado por uma honestidade superior ao de muitas monjas, quando estas tivessem tido o capricho ou veledade de seguir o exemplo da célebre e celebrada Madre Paula.



A greve dos ferros-viarios — As carruagens do comboio que vinha do Porto e que descarrilou na Povoia

E os negocios do Estado corriam todos sem alteração sensível pelo estado entre nós da oitava ou... octagessima maraviha do mundo!

Nem as cotações da bolsa tinham a mais pequena oscillação! Era tudo um céu aberto, um mar chão em plena calmaria!

A vida lisboeta, a vida *alfacinha*, como dizem os nossos amigos *tripeiros*, corria serena e calma como nunca tinha corrido.

Os homens desde o estadista mais cotado ao fidalgo mais autentico, desde o jornalista mais em voga ao escriptor mais consagrado, desde o advogado mais feliz ao burocrata menos activo, todos elles faziam prodigios espinaes para se curvarem perante a

da verdade, cá fóra nada transpirava e a atmospheria que em volta desse *Meteoro* se respirava era puro hydrogenio e oxygenio!

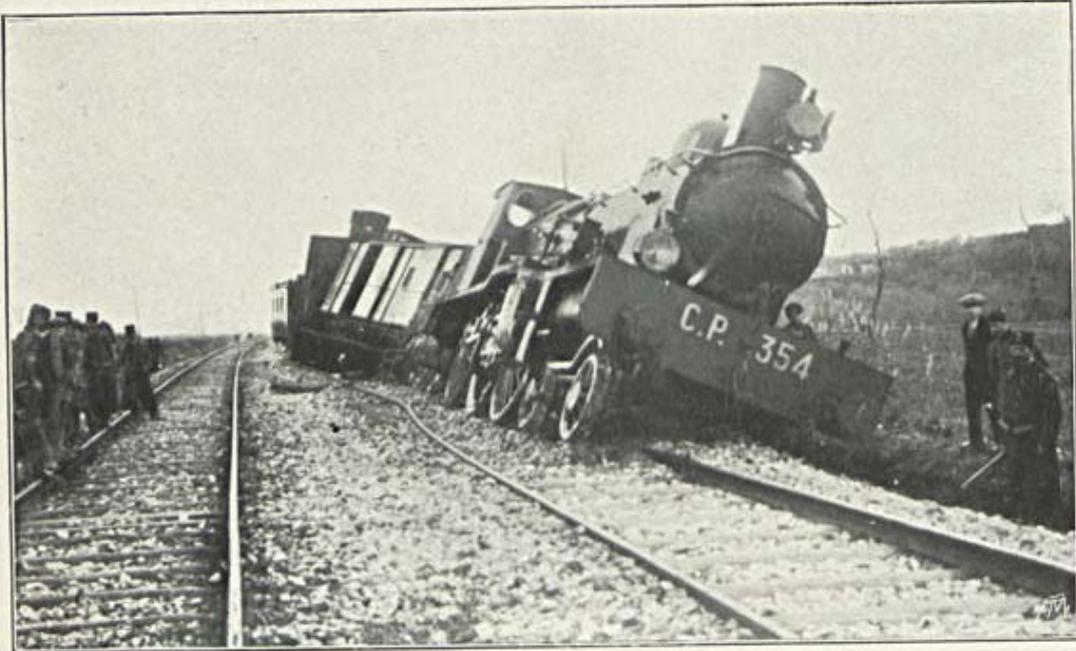
Liza C. era de uma prodigalidade!... Dava tantos presentes valiosos ás suas *boas amigas*!...

Era lá possivel dizer-se mal de quem tinha sempre uma lembrança fosse tambem porque motivo fosse!

Mas...

Um dia deu-se um facto que tudo demudou!

Uma cousa de nada, uma insignificancia é verdade, mas o caso



A greve dos ferro-viarios — O comboio que ia para o Porto e que descarrilou entre Sacavem e a Povoia

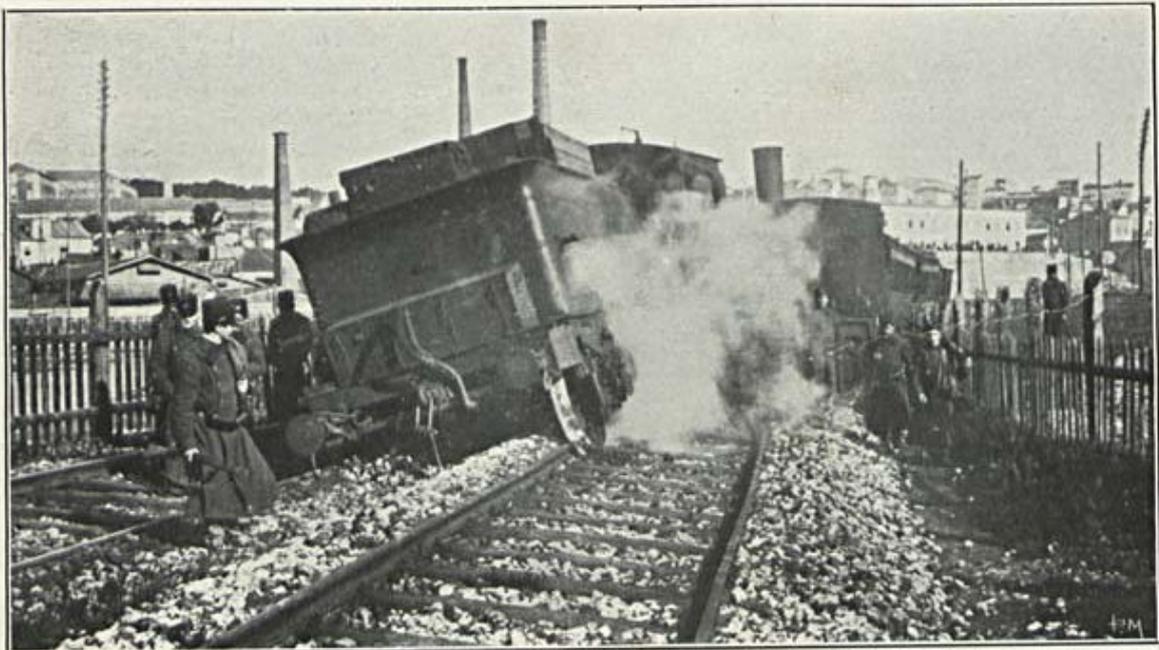
estrella que viera das alturas irradiar entre os mortaes, assim como faziam prodigios de toda a especie afim de lhe obter um sorriso — apenas — porque homens experimentados como são todos os nossos em lidas amorosas, reconheceram de momento que aquella linda praça era inexpugnável!

Póde ser que na intimidade, em familia ou mesmo *entre amigas*, muito mais silenciosamente que as machinas Singer, a intriga e a má lingua trabalhassem, mas, se assim era diga-se em abono

é que essa insignificancia entrou o andamento sereno da nossa sociedade e muito principalmente o socego, a tranquillidade de Liza C.

Fôra o caso de que ella, que sempre fóra igual nos seus presentes, nas suas lembranças, sem pensar, sem querer mesmo, estamos certos, deu á Laura uma pulseira com menos um brilhante do tinha uma outra igual aquella com que presenteara a Maria C. S.!

Já veem Vossas Ex.<sup>as</sup> que era caso para fazer graves alte-



A greve dos ferro-viarios — O descarrilamento do comboio de Cascaes

(Phot. de ...)



**A greve dos ferro-viarios — Tumultos no Rocio — A guarda republicana fazendo evoluções**

rações no systema planetario, para fazer até como Jusué parar o Sol se elle não estivesse desde o genesis muito quietinho no lugar onde se encontra!

O facto é que o pensar a Laura que a Liza C. não era igual nas suas afeições, visto que beneficiava com mais um brilhante a Maria C. S. deu em resultado que as partidarias da primeira e capitaneadas por ella, tornaram-se aggressivas para com a pobre Liza e a intriga, a inveja, a maledicencia — até a maledicencia! — até ali encarceradas, quebraram os ferros e deram largas ás enferrujadas linguas, aluindo o pedestal do idolo a ponto de o derruir por completo e elle ir despedaçar-se no solo, tal foi a confusão estabelecida!

Ella, então, retrahindo-se ao conhecimento da sociedade que a adulara, abertos os olhos que a adulação lhe vendara, foi-se afastando pouco a pouco com o pequeno numero de amigas que lhe restaram e, pouco e pouco tambem foi fazendo desaparecer o fausto, a riqueza de que se rodeara até ali, a ponto de confessar-se... *arruinada!*

Mas, como essa ruina, apesar de ella a considerar total ainda lhe dava para viver independentemente, as amigas não se foram de todo.

Algumas ficaram... até ao dia em que Liza C. pedindo um pequenino sacrificio a uma e a outra, as viu alijar totalmente.

E então... não houve uma unica que não lhe mordesse!

Os adjectivos ecomiasticos que não chegavam... deram lugar aos adjectivos deprimentes que sobejam!

E o Meteoro, hoje, eclipsou-se nas altas camadas atmosphericas... fugiu para o ether d'onde viera.

Janeiro, 1914.

HÉLOISE CORDEIRO.

## PENSAMENTO

Ganhar as vantagens da sociedade, sem nos perdermos a nós mesmos, é uma questão de não pequena difficuldade. O homem de juizo segue muita vez a multidão a uma pequena distancia para não se encontrar sobre ella de repente, nem ficar enredado n'ella, e para poder manter o caminho livre e sosegado com alguma possibilidade de divertimento.

ARTUR HELPS.



**A greve dos ferro-viarios — Tumultos no Rocio — A guarda republicana protegendo os carros electricos**

(Phot. de ...)



## POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XLII

### O SR. EMBAIXADOR

**E**o sr. embaixador depois de acabar de ler um extenso officio começou a pensar:

— Mas que grande sarilho! Realmente eu tinha andado com muito mais juizo se não tivesse vindo. Sim, porque vim eu? Para unir, visto a união fazer a força, a força ser a resistencia e a resistencia dar a consolidação. E afinal o que consegui? Gastar vinte chapéus finos a cumprimentar e quarenta pares de sapatos a caminhar d'um lado para o outro, e por fim... Bólas! Bólas!...

Mas como arrependido de se ter exaltado, o sr. embaixador, sorriu e tocou a campainha.

A' porta do gabinete appareceu um creado, curvando-se respeitoso.

— Meu querido amigo, diga ao meu prezado secretario que tenho o prazer de o esperar.

Segundos depois o secretario de S. Ex.<sup>a</sup> entrou.

— Sabe... o... a... sim, Você comprehende, não é verdade?

— Por enquanto... só com essas explicações, não attinjo...

— Olhe, leia, leia esse officio.

O secretario leu.

— E agora?

— Agora é fazer as malas e começar com as despedidas.

Olharam-se tristemente durante alguns minutos e por fim o sr. embaixador quebrou o silencio.

— Então, então meu querido amigo não vale chorar...

— Eu não estou a chorar. Isto é defluxo.

— Antes assim.

O secretario agradeceu, espirrou em falso e o sr. embaixador continuou:

— Olhe, meu querido amigo, o que precisamos agora é começar com as visitas de despedida. Quero ir pessoalmente a casa de todos.

— De todos os nossos? Isso tambem faz-se n'uma hora, mesmo a pé.

— Qual! Quero ir a casa de toda a gente. Então Você pensa que eu era capaz de me ir embora sem deixar o meu cartão a todos os habitantes deste paiz? Vejo que o meu prezado amigo conhece mal a extensão da minha cordealidade.

— Mas isso sr. dr...

— Então! Já se esqueceu do meu pedido?

— Ah! é verdade! Desculpe-me sim? Mas isso sr. embaixador...

— Assim, assim... Gosto tanto!...

— Fique descansado que já me não esqueço. Não custa nada. — E' o que eu digo a todos. Uma coisa tão simples não custa nada porque até tem a extremidade igual.

— Qual extremidade?

— A do *ór*. Olhe, repare, *dou... tór, em... baixa .. dór... Vê?*

— E' verdade! Como V. Ex.<sup>a</sup> descobre essas coisas...

— Não fui eu que descobri. Foi a Gigi. Já anotei este caso para o 2.<sup>o</sup> volume das *Notas d'um pae* que tenho em preparação. Foi muito engraçado. Eu tinha dito á Gigi: olha agora ja não sou doutor, sou embaixador. E o que é embaixador perguntou-me logo a creança com aquella curiosidade adquirida no seio do ventre materno. Embaixador é a uma dignidade como a de doutor. Ah! tornou a Gigi. E' sempre *ór*. Veja que prespicacia, meu amigo.

— Não admira. Mas como ia dizendo á bocado, V. Ex.<sup>a</sup> não pode ir visitar todos porque então só d'aqui a dez annos é que pode partir.

— Paciencia. Lá faltar aos deveres da cordealidade é que eu não faço.

— Tenho uma ideia — alvitrou o secretario.

— Diga, meu amigo, diga...

— Um manifesto.

— Um manifesto?

— Sim, sr. Um manifesto geral apresentando as suas despedidas.

— Não é mal lembrado não sr. E o que se dirá n'esse manifesto? Bem vê que...

— Não tem duvida. Diz-se que... o excesso do calôr, motivou a imprevista retirada.

Parece-lhe? Hum... não comem...

— Arranja-se com termos muito bonitos Se V. Ex.<sup>a</sup> quer eu redijo...

O secretario sentou se á mesa de trabalho do sr. embaixador e começaram redigindo o manifesto.

*Cidadãos, excellentissimos senhores e mais habitantes d'este paiz:*

*O sol quando obliquamente incide sobre a terra produz maior somma de calôr e este dilatando os corpos, dilata as almas. E' n'este estado que me encontro, bastante commovido ao participar-vos...*

— Parvos, não. Não ponha lá isso. Eu não desejo offender ninguem, nem mesmo os meus adversarios — interrompeu o sr. embaixador.

— Parvos, mas onde é que está isso?

— Então Você não escreveu *participar-vos?*... Ponha antes participar-lhos, por exemplo,

— Mas não fica grammatical.

— Deixe lá. Mas fica cordeal. Ponha assim, ponha assim, por minha conta.

O secretario continuou escrevendo:

*... bastante commovido a participar-lhos que me retiro. Porque me retiro eu?*

— Ah! é que está o busilis — interrompeu de novo o sr. embaixador.

O secretario parou um instante a reflectir e depois continuou: *Porque a Patria chama-me, como os filhos chamam pela mãe quando tem fome do seu leite.*

— Ponha antes sêde. Bem vê que leite é liquido e fome é só para os solidos.

O secretario emendou:

*... tem sêde do seu leite. Parto portanto, levando a todos no coração, em geral, e a cada um em particular. Como o intrépido guerreiro, volto ao campo da batalha com a minha alma a sangrar de saudade qual...*

— Vae muito bonito... repetiu entusiasmado o sr. embaixador.

*... qual — continuou escrevendo o secretario — viajante que deixando o oasis se vê na solidão dos bosques onde os lobos uivam...*

— Não, isso não. Não falle em lobos. De forma nenhuma.

— Mas porquê? E' uma imagem zoologica.

— Pois será. Mas é tambem um nome de gente...

— Ah! sim...

— Mas que diabo d'ideia que Você teve.

E o sr. embaixador ficou tão incomodado com aquella infeliz imagem dos lobos do seu secretario que a redacção do manifesto foi interrompida para melhor oportunidade.

CRISPIM.

### ANECDOTAS

Um sargento reformado foi um dia visitar o hospital da Estrella. Acercou-se de uma das camas da enfermaria e perguntou ao doente:

— Então que tens tu, meu rapaz?

— Dizem que tenho uma febre typhoyde, meu sargento.

— O' diabo! isso é sério. E' um raio d'uma doença que, ou nos mata, ou nos deixa idiotas. Conheço-a muito bem; já a tive!

Um soldado apresentou-se ao seu capitão, dizendo-lhe que tinha morto um official do exercito inimigo.

— E para prova — accrescentou elle — trago aqui o braço que lhe cortei!

— Boa façanha, meu rapaz; disse-lhe o capitão — mas porque não lhe cortaste antes a cabeça?

— V. S.<sup>a</sup> tem razão... era melhor cortar-lhe a cabeça... mas é que o raio do homem já não a tinha quando eu o matei.

## CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XVIII

## AQUEM E ALÉM-MAR

O futuro pertence...  
ao Esperanto.

**E**u não tenho duvida em confessar que o Sr. Zamenhoff é o maior homem do mundo e que só por ser a sua patria, a Polonia tem direito á gratidão universal.

Foi elle o inventor do Esperanto — e esta gloria lhe basta. A Torre de Babel — a confusão das linguas — é elle que a derriba, o gigantesco edificio da lingua universal é elle que o levanta. De tantos pseudo-Archimedes que têm apparecido, o unico authentico é elle. Ninguem senão elle pôde gritar o Eureka triumphal.

Quem não seja como eu um viajante incorrigivel, quem não tenha corrido como o infante D. Pedro, duque de Coimbra, as «sete partidas do mundo», quem não tenha andado sêca e mêca e olivães de Santarem como tantos dos modernos portuguezes e brasileiros que fizeram do viajar o «sport» favorito, não pôde medir a grandeza nem pezar as vantagens d'este engenhoso invento. E' que para o viajante ellas são ainda maiores do que para o negociante, para o industrial, para o banqueiro — e já para estes são de tal ordem que os dispensa de ter empregados estrangeiros, ou que conheçam linguas, para se corresponderem com os outros paizes.

Imaginem que está em pleno vigor o regimen do Esperanto e que qualquer dos nossos patricios que só falle essa lingua além da sua, chega á perfeição de se considerar inglez em Londres, japonéz em Tokio, russo em S. Petersburgo, americano em New-York, chinéz em Pekin, grego em Athenas, e romaico em Buckarest!

Esse brasileiro, esse portuguez, esse esperantista, desafia todos os polyglottas que não saibam o Esperanto, porque sabe mais do que todos elles. Elles sabem muitas linguas, é certo, mas são muito mais as que não sabem. O esperantista sabe tudo. Essa lingua é o seu Bedeker, o seu guia, a sua bussola. Armado com essa força, o esperantista nada tem a receiar, porque não ha porta que se lhe feche, caminho que não abra, difficuldades que não vença. Entrará em qualquer restaurant em Paris certo de que se não dará com elle o que se deu com aquelle portuguez que, desconhecendo por completo a lingua franceza, mas não querendo dar parte de fraco, ia apontando no «menu» os pratos que o criado havia de servir-lhe. Veiu o primeiro; era uma sopa. Veiu o segundo; outra sopa. E quando chegou ao sexto tinha seis sopas no bucho. «Irra!» — gritou o nosso patricio, colerico, para o criado — então nos restaurants de Paris não se comem senão sopas?

Senhor do Esperanto, tambem o nosso patricio se não verá d'aqui em diante na collisão d'aquelle que na mesma capital, querendo ir ao theatro, foi procurar nos jornaes, na respectiva secção, o espectáculo que havia de preferir para essa noite. E como, por ser verão, os theatros estivessem quasi todos em férias, e, por conseguinte, os principaes tivessem logo a seguir ao nome a palavra habitual: *Relâche*, o nosso patricio cansado de procurar, exclamou, superior e ironico: «Ora esta! A mesma peça em todos os theatros, e chamarem a Paris uma cidade civilisada!»

Quem assigna estas linhas tôscas já uma vez em Berlim se viu em palpos d'aranha. Eu devo confessar que entendo tanto de allemão como de um logar d'azeite. Não quer dizer que seja forte n'outras linguas, mas em Paris, em Madrid, em Londres ou em Roma, não me perco, e em Berlim... perdi-me. Mas não felizmente em qualquer sentido figurado, porque apesar de toda a sua força, a Allemanha não teve força para isso. Perdi-me, porque não sabia allemão. Perdi-me, porque a civilisação estava tão atrazada que reinando o Imperador não reinava ao mesmo tempo Zamenhoff.

Eu representava no Congresso Internacional da Imprensa a Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes, de Lisboa, e entre as varias festas annunciadas havia um banquete offerecido pela municipalidade. Acompanhado por um jornalista allemão empreguei a manhã d'esse dia em visitar os museus, e finda a visita, despedi-me d'elle e fui ao hotel envergar a casaca e pôr na botteira a fita da Legião de Honra, da qual quem a possui faz largo uso n'estes Congressos.

Para começar o banquete faltava meia hora. O hotel era em

Friederickstrass, e só no fim d'essa larga avenida, que percorri a pé, notei que me havia esquecido do programma do Congresso. Felizmente tinha no ouvido o local onde o banquete se realisava. Berrei esse nome a um policia — porque toda a gente que não sabe uma lingua julga que se faz entender quando berra — elle fez m'o repetir, e, com gestos que percebi e palavras de que não entendi patavina, indicou-me o electrico que havia de tomar e o ponto onde havia de apear-me, que era exactamente no *terminus* da viagem.

Resumindo: essa jornada levou tres quartos de hora, e quando desci do carro e me dirigi ao porteiro de um hotel proximo, e lhe perguntei em francez onde estava e onde era o banquete, fui informado de que era apenas a cincoenta passos do logar onde tinha interrogado o policia e onde me tinha mettido no electrico! E comtudo esse policia amavel não me havia enganado; eu é que troquei um nome por outro, porque, para minha absoluta ignorancia da lingua, eram todos... a mesma cousa. Apanhei uma estafa de alto lá com eila, perdi o banquete, porque quando lá cheguei estava elle a acabar, e está sensaboria bastou para me tornar o Congresso... aguado.

Tudo isto por que? Porque não era uma realidade o Esperanto. Porque não reinava ainda Zamenhoff.

E' tal a minha admiração e — direi mesmo — o meu reconhecimento pela obra do grande polaco, que não faltei a nenhuma das sessões do Congresso de Esperanto que com muito brilho acaba de realizar-se n'esta cidade. Em Esperanto ouvi muitos versos e varios discursos e — o que é de véras extraordinario — eu que conheço tanto essa lingua nova como conheço a velha lingua allemã, percebo quasi tudo quanto ouço, ao passo que nem uma palavra quando um allemão... guttureja.

Por que? Imaginam que faço esta confissão para revelar agudeza de entendimento? Não; com isto apenas pretendo mostrar a logica, a simplicidade, o engenho d'essa combinação linguistica, em que o auctor, conhecedor de trinta idiomas, extrahiu de todas as palavras basicas, as que são communs ao maior numero d'elles, com ellas formou por assim dizer a raiz vocabular, e de tal maneira as dispoz, as organizou, respeitando a glottica e as condições phoneticas de cada povo, a ponto de as pronunciarem igualmente e com a mesma facilidade um latino e um anglo-saxonico, que pôde sem contestação affirmar-se que o grande problema foi resolvido, e que a linguagem commum a todos os povos está descoberta.

Como todas as grandes innovações, o Esperanto tem adversarios, tem concorrentes, contando-se entre elles os latinophilos. Estes comtudo, não obstante serem os de mais peso, já deram o braço a torcer, confessando a sua impotencia na solução geral do problema. Basta haverem reconhecido impossivel a uniformidade da pronuncia. E este contra é de tal ordem que evidencia a inutilidade de todos os seus esforços em tornarem commum a todos os povos da terra a lingua latina. Desde que a mesma palavra, a mesma phrase parecem diferentes pronunciadas por um inglez e por um italiano, nenhum dos quaes comprehende o outro, não ha fórma de chegar por esse caminho á solução do problema.

Arredados, por inferiores e inviaveis, os outros caminhos, chega-se á conclusão, pela analyse rigorosa e pela exclusão de factos, que a solução unica é: o Esperanto.

Portanto, viva Zamenhoff! Viva o Esperanto! Viva a lingua de todos os povos, destinada a unir os homens, a acabar com as fronteiras, a transformar as confusas Babylonias em patrias communs, a facilitar as relações humanas, a irmanar as artes e as sciencias, a universalisar o amor!

Rio, Dezembro, 1913.

JAYME VICTOR.

## No Leque de uma Embaixatriz

Quando em teus proprios olhos te abrasas  
E o leque agitas na mão nervosa,  
Eu vejo um passaro abrir as azas;  
E vóa... e pousa — sobre uma rosa!

MUCIO TEIXEIRA.

# OS NOSSOS ARTISTAS



*Roque Gameiro no seu atelier da Amadora*

## Os nossos Artistas

### Roque Gameiro

**É** UMA figura de singular destaque no nosso meio artistico. Além de ser um mestre na aguarella, é um patriota que procura com amor enaltecer, tornando-os conhecidos através dos seus valiosos trabalhos, velhos usos e costumes portuguezes, trechos vistosissimos e poeticos da nossa bella paisagem ou recantos da cidade antiga, como uma rua pitoresca de Alfama ou um trecho da Mouraria, não esquecendo nunca os minimos accessorios que o accusam de insigna analysta.

A maioria dos seus numerosissimos trabalhos, que os admiradores da sua arte se não cansam de encarecer e gabar com mui-

tissima justiça, podem ser considerados como impagaveis serviços de documentação historica. Têm as aguarellas de Gameiro, ou ainda melhor dito, dos Gameiros, porque suas filhas herdaram não só o talento pictural do insigne aguarellista, mas muitas das qualidades artisticas que o distinguem, uma verdade enorme na propriedade da cor, e na reconstituição de muitas scenas do passado



*D. Rachel Roque Gameiro*



*D. Helena Roque Gameiro*

que a tradição ou a historia têm trazido até nós. E a inspiração, que muito frequentemente tira de motivos populares, não é menos feliz. Di-lo eloquentemente o seu quadro a que a conhecida canção popular *Margarida vai à fonte* deu origem.



A casa de Roque Gameiro na Amadora



Outro aspecto da casa de Roque Gameiro na Amadora

Como professor, Roque Gameiro tem de ha muito os seus créditos estabelecidos. Entrei ha dias no seu lindo e singelo atelier da rua D. Pedro V, que foi primeiro de Jorge Collaço e que hoje pertence ao notavel aguarellista, e encontrei-o rodeado das meninas que compõem o seu curso, um rancho de caras lindas entre as quaes sobresahe a gentilissima figura de sua filha D. Helena, todas inclinadas sobre os estiradores, copiando do natural uma formosissima rapariga vestida á moda do Porto. É sempre interessante surprehender um qualquer professor illustre entre os alumnos, assistir-lhe ás aulas, e ouvir-lhe a maneira por que consegue fazer-se comprehender de intelligencias, embora grandes muita vez, menos desenvolvidas do que a sua.

Mas uma aula de pintura é uma cousa superiormente captivante ao olhar. E' já de si um quadro gracioso e que nos demora presa a attenção. E o exame de cada trabalho, que nos revela uma vocação mais ou menos decidida e uma applicação maior ou menor dos educandos é, pôde assim considerar-se, uma diversão interessante para quem sabe tirar proveito do olhar.

Quando, finda a minha visita, me retirei, trazia esboçada na memoria, para não mais esquecer, uma scena interessante das muitas que ali registro e que, se eu pudesse e soubesse reproduzir, seriam já uma longa série de quadros tentadores para as pessoas de bom gosto, a que se poderia dar o titulo de *Scenas de atelier*.

Não pude, pelos meus muitos affazeres, acceptar o convite do illustre pintor para ir á Amadora visita-lo e admirar a sua casa que alguém que a conhece denominou *uma joia genuinamente nacional*. Foi construída sob a sua direcção e mobilada á antiga portugueza. Apesar de ser edificada n'um sitio ermo de vegetação, o pin-

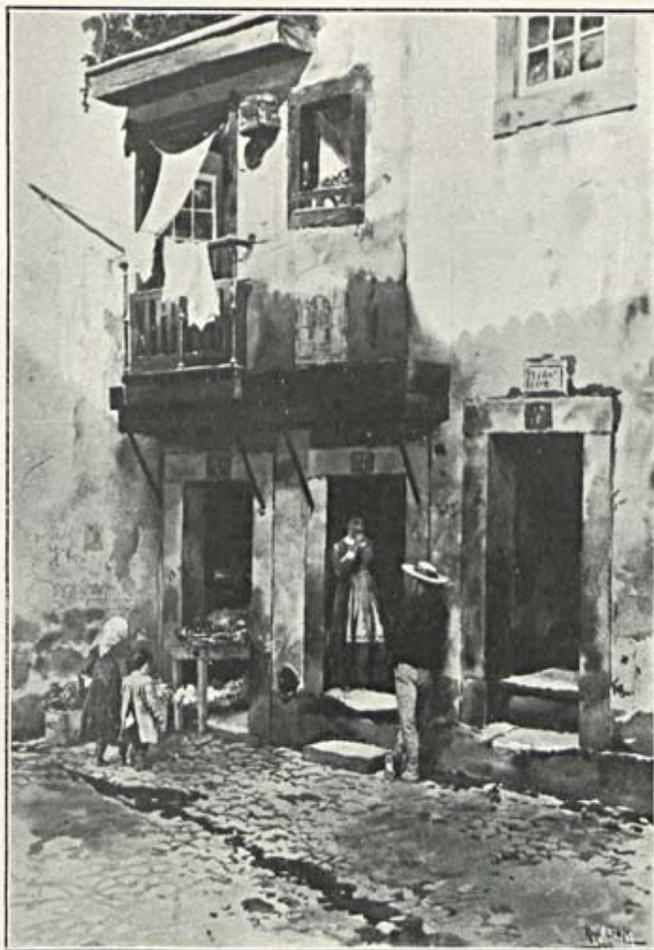
tor conseguiu á força de cuidados arranjar uma bella matta, o que demonstra que, se imitando o seu exemplo, os proprietarios d'estes terrenos, que a aridez torna tão tristes, se empenhassem em os aformosear pela *arvore*, poderiam beneficiar grandemente

aquelles desherdados sitios aos quaes Cintra parce ter roubado tudo. Mas não se imagine que foi um labor rapidissimo o do artista. Não: elle quiz que tudo em sua casa correspondesse cabalmente á sua ideia de arte, ideia em que predomina a harmonia e a propriedade. Por isso, concluída a casa, quiz que o seu interior condísse com o exterior, genuinamente portuguez, que lhe traçou. Aproveitando as breves folgas que o seu constante estudo e trabalho lhe concedeu, rebuscou pelas provincias, e conseguiu mobilar a sua casa como ella o devia ser, para se não assemelhar a uma bella mulher, com espirito tacanho. Alli tudo condiz e se harmonisa, mas, de quanto me têm contado, o que mais me encanta, é o que tenho sentido e admirado nos trabalhos d'este notavel pintor: a nota patriótica. Para elle a sua terra é tudo. E amando-a tão exclusivamente como ella o merece e deve ser, tem muito naturalmente a preocupação, talvez inconsciente, (não o conheço bastante para poder n'este ponto fazer affirmações) de pôr em quanto lhe pertence um cunho nacional. Que o consegue é notorio: que isso o enaltece e honra a terra que o viu nascer ninguém duvida.

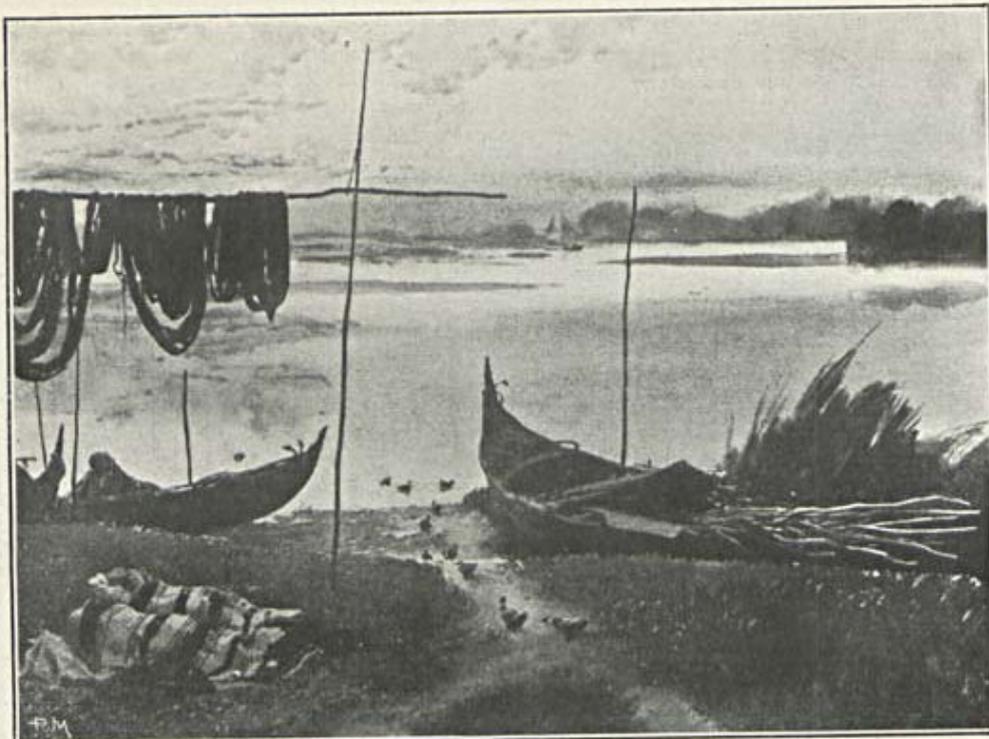
Os seus trabalhos, expostos recentemente na nova sede da *Sociedade de Bellas Artes*, são provas de mais um triumpho dos muitos que o seu auctor conta na sua já longa carreira artistica.

Suas filhas, que tambem expuzeram, são dignas dos mais justos encomios. E o que é certo é que não sabemos se devemos dar-lhe os parabens pelos quadros, se pelas filhas, tão gentis e interessantes ellas são, além do seu muito e real talento.

Feliz artista e feliz pae.



Uma casa na rua das Farinhas (Mouraria)  
(Quadro de Roque Gameiro)



*Amanhecer d'uma noite de verão no Ribatejo*  
(Quadro de Roque Gameiro)

## THEATROS

**Republica** — D. Francisco Manoel, peça em 4 actos, original de Ruy Chianca.

Annunciar nos cartazes uma peça original, deveria ser motivo para vestirem galas as patrias letras que, coitadas, bem tristes dias teem passado, tendo-se-lhes até arrancado ultimamente a sua typica orthographia, desnacionalisando, quando possível, o famoso idioma de Camões, de Antonio Vieira, de Frei Luiz de Souza, de Herculano, Castilho, Garrett, Camillo e tantos outros. Mas ao contrario do que deveria succeder, sente-se como que o rouquejar d'uma tempestade de imprecações quando alguém se abalança a produzir, em lingua portugueza, com personagens nossos conhecidos, obra genuinamente nacional.

Assim succedeu ao sr. Ruy Chianca, que nem de vista conheço, e me dizem ser um rapaz, muito novo ainda e que, inquestionavel e indiscutivelmente trabalha de coração e tem talento e estro.

Não vi, pelo habito de velho de não sahir á noite, a sua primeira peça *Aljubarrota* para que a critica foi d'uma severidade que não se casava com as informações colhidas de entendidos do assumpto.

Vem agora outro original, em verso como o entecedente e abre-se uma catadupta de más vontades contra o moço escriptor que foi tratado pela critica, como thalassa ou *jaçuíta* por ex.<sup>mo</sup> Elemento!

Porque?! Ninguem o dirá, apesar de todos o contarem em voz baixa.

Ora que se commente uma peça, que se lhe notem imperfeições, que se aconselhe o auctor a corrigir defeitos que porventura tenha, é justo e absolutamente regular. Mas que a critica se arremangue para zurgir um principiante que tem, creio, o unico defeito de trabalhar e querer progredir, é que se me afigura cruel.

O sr. Ruy Chianca, talvez por fazer *partida* ao sr. dr. Affonso Costa, foi buscar á historia um Homero de Lencastre do começo do seculo xvii e romantisou em volta d'essa personagem o seu romance d'amores, mostrando que, nem mesmo no *homerico* caso, o estadista



*Um bello trabalho de Roque Gameiro*

## Conselheiro Eduardo Augusto Villaça



(† a 28 de Janeiro de 1914)

*Homem de não vulgar talento e ao mesmo tempo dotado d'uma grande actividade e de qualidades de caracter que o impunham ao primeiro relance a quantos d'elle se acercavam, o conselheiro Eduardo Villaça foi uma figura de destaque no nosso paiz e um leal e honestissimo servidor do antigo regimen.*

*Official distinctissimo da arma de engenharia, onde tinha o posto coronel, o illustre extinto exerceu tambem os cargos de lente da Escola do Exercito e do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e de directos geral de Estatistica e dos Proprios Nacionaes.*

*A sua carreira politica foi tambem brilhantissima. Eleito deputado pela primeira vez em 1886, foi por varias vezes ministro, gerindo as pastas da marinha e da fazenda e ultimamente, em 1894, a dos negocios estrangeiros, acompanhando n'essa qualidade o Senhor D. Carlos na sua viagem á Inglaterra e á França e recebendo por essa occasião as maiores demonstrações de apreço.*

*O conselheiro Eduardo Villaça possuia as grã-cruzes, officialato e grau de cavaleiro das extinctas ordens de S. Thiago, de Nossa Senhora da Conceição e d'Aviz; a medalha de prata de comportamento exemplar; a Legião d'Honra, de França; as grã-cruzes da Real Ordem Victoria, de Inglaterra; da Aguiá Vermelha, da Prussia; de S. Salvador, da Grecia; de Isabel, a Catholica, e do Merito Naval, de Hespanha.*

*Que descance em paz o illustre homem de estado a cuja impoluta honestidade, tantas vezes evidenciada ao serviço da patria e da monarchia, prestam homenagem os proprios adversarios politicos.*

portuguez fôra original, pois que ahi estava um dos ancestraes do nojento cooperador do sr. Scevola tal qual o seu descendente!

D. Francisco Manoel, de facto, ora se encontrava ao lado de D. Filipe IV, em Hespanha, ora jurando fidelidade ao Sr. Duque de Bragança, que se chamou D. João IV, como Homero ora almoçava com o sr. dr. Affonso Costa ora com os exilados de Vigo.

Na peça historica é perfeitamente legitimo tomar essa personagem authentica e romantizar ao redor d'ella. E nas peças em verso, quanto ha de mais convencional, tremos de nos curvar deante das consequencias d'esse convencionalismo.

A peça do sr. Chianca soffre, talvez, o senão de ter uma acção um tanto frouxa; mas em compensação possui formosissimos versos, quentes, sonoros, arreatados que, só por si, constituem belleza bastante para animar o auctor, encorajando-o a novos commettimentos. Escola puramente romantica a peça terá, por força das circumstancias, situações parecidas ou semelhantes, não a esta ou aquella, mas a todas as peças da mesma escola. E isso nunca constituiu plagio. Deus nos defenda de semelhante doutrina.

E quem produz versos assim, quem escreve as bellas *tiradas* do 2.º, 3.º actos, não precisa plagiar situações.

O D. Francisco Manoel está admiravelmente posto em scena, com rico e luxuoso guarda-roupa e scenario primoroso de verdade historica, é muito bem representada, no conjunto, merecendo relevo especial Brazão (D. Francisco Manoel) e Ferreira da Silva (Conde da Ericieira), Luz Velloso (D. Isabel Coutinho) e Antonio Sarmiento (Gargalhadas), Theodoro Santos (D. Antonio d'Atayde) e Anna Espinosa (Catharina).

Emilia d'Oliveira uma actriz de incontestavel valor, pareceu-me, salvo melhor juizo, não marcar bem a sua dualidade de amante do rei e de D. Francisco, e antes pelo contrario se mostrar muito agarrada a este não deixando que o publico veja o *quia* e o *quarum* que a entrega nos braços de D. João. E todos os outros realmente, contribuem para o bom conjunto provando o merito indiscutivel de Augusto Rosa que, com a sua extraordinaria competencia e irreprehensivel bom gosto, fez a encenação com o esmero que sempre distingue este glorioso artista.

O sr. Chianca crêmos que, se é versado no latim, terá já percebido que á sua critica se responde sorrindo como o vate: *invidia tacta non sunt media, sed altissima*. E olhe que o sujeito é o *media* porque o *invidia* é agente da passiva. Desculpe a ajuda, mas o trecho é arrevesado.

Continue trabalhando, porque é novo, e hade abrir caminho a golpes de talento embora o tal agente da passiva, e por isso mesmo, o persiga.

Com talento e inspiração, e isso ninguem lhe pode negar, triumphará dos mascavadores da lingua, em más traducções, com muita facilidade.

**Trindade**—A *Gran-duqueza de Gerolstein*, de Mailhac e Halevy, musica de Offenbach e traducção de Eduardo Garrido.

São muito capazes de imaginar os meus queridos leitores, se é que os tenho, que eu lhes vou contar aqui tim tim por tim toda aquella picaresca historia dos mores de Fritz, que vae de soldado a general em chefe e d'aqui a mestre de meninos, para aprender a ler, no que talvez se avantajasse ao seu glorioso antecessor Nicolau Tolentino!!

Puro engano. Deixal-o lá na paz da sua cartilha a aprender as letras e a usufruir as primicias amorosas da sua deliciosa Wanda, uma pequenita (Beatriz Baptista), muito graciosa e que pena é caracterisarse tão sem geito que, á força de distribuir mal o negro pelas palpebras, nos dá a impressão de estrabismo convergente, que, crêmos, não ter.

Deixal-o e não o interrompamos para que nos não chamem impertinentes ou invejosos. Credo, longe vá tal agoiro!

N'um outro artigo dissemos que temos de aceitar as peças taes como as nos apresentam e não cuidar de confrontos. Pois na *Gran-duqueza* devemos confessar com toda a sinceridade que nos anima, que não fugimos á tentação de afirmar que nunca houve outra protagonista que egualasse Maria Judice da Costa.

E a peça e ella, com Venceslau Pinto, e com Taveira o grande mestre em manobrar massas, e que consegue até de coristas e comparsas fazer bailarinas!

Maria Judice da Costa que deixámos creança ha bons trinta e tantos annos, n'uma casita modesta ali para o arco das Amoreiras, seguimos-lhe a carreira e os triumphos por informações de seu pae, amigo como irmão desde os bancos da Escola, companhia de esturdia n'aquelles alegres tempos, que não voltam nunca mais, dos 14 annos em deante. Elle e com outro algarvio o Damaso Reis, tambem morto ha muito tempo, eram os companheiros inseparaveis.

Era elle, o bom e valentissimo Antonio Maria Judice da Costa, mais tarde conselheiro e chefe de repartição de contabilidade, que sempre me mostrava os jornaes dos differentes paizes onde a filha era applaudida como cantora de opera lyrica. E quando a vimos annunciada na Trindade, nem sabemos qual mais admirar, se a *sorte* se a arte de Taveira conseguindo captar para a sua companhia uma cantora dos exceptionaes recursos de Maria Judice da Costa, que, sendo uma artista na grande accepção da palavra, é portugueza, como nós, e falla consequentemente a nossa lingua com a nossa prosodia.

E não fica por aqui a *sorte* de Taveira: a cantora illustre é uma actriz de merito, e uma comediante de poucos vulgares recursos scenicos.

Esplendida presença formosa sem arrebiques, insinuante e sympathica, com esplendida voz perfeitamente empostada e bem posta, é, por assim dizer, o ideal da actriz de operetta se é que não excede e em muito esse ideal. Indiscutivelmente o que é, e isso sem desprimor para ninguem, é a unica que se póde considerar actriz-cantora. E não admira. Pois se ella foi educada para isso... E depois mais de 15 annos de viagens constantes pelas principaes cidades da Europa dão uma cultura que não se obtem nem nas escolas, nem no meio acanhado dos terceiros andares da nossa linda Lisboa.

A Maria Judice na Trindade faz-me lembrar uma historia que ouvi quando creança.

Estava em Londres, contratado para uns concertos, um violinista eminente. creio que Paganini, salvo erro de memoria. O rabequista chegára, instalara se no hotel e, antes mesmo de procurar o empresario que o contratára, foi dar uma volta pelo bairro, a colher impressões.

Ao passar á porta d'um botequim ouviu o som d'um violino manhoso de onde o executante arrancava sons roucos e cavos de pôr os cabelos em pé. O grande concertista dirigiu-se ao cego, pediu-lhe o instrumento delicadamente, afinou-o e começou elle a tocar.

Em minutos estava rodendo e aclamado por todos os ouvintes; e fazendo larga colheita de moedas de prata que entregou ao cego, disse-lhe: se o collega me quizer continuar a ouvir, vá amanhã ao theatro tal onde me estreio: sou Paganini.

Pois Maria Judice parece ter querido dizer á scena da opereta portugueza o que era uma cantora d'esse genero e conseguiu-o brilhantemente.

A sua dicção é primorosa, a sua phisionomia expressiva e maleavel. Sabe sublinhar sem se achincalhar, sabe mostrar a *intenção* differente da *convicção*, sabe emfim representar. Se deixar a musica e entrar n'um theatro de declamação será uma dama d'alta comedia, sendo até bem possivel que chegue a dama-galã. A maneira como ella canta

## THEATROS

## THEATRO DA REPUBLICA — «D. Francisco Manuel»



1.ª Scena do 2.º acto — O duello entre D. Francisco Manuel (Brazão) e D. João IV (Pinto Costa)

o tanto amor por elle eu senti, é quente e apaixonada. Ha calor na sua voz, ha sentimento na sua expressão physionomica.

Sendo uma mulher bastante alta é tão irreprochable a sua linha elegantissima que nunca se perturba ou empana. Nem um movimento

## THEATRO DA REPUBLICA — «D. Francisco Manuel»



3.º acto

(Phot. de ...)

## THEATRO DA TRINDADE — «A Grã-Duqueza de Gerolstein»



Aceita o sabre..

de braços, nem um movimento da figura que não seja da maior correcção artística.

Nunca evidentemente os authores sonharam, por isso, uma interprete para o seu hystérico personagem burlesco, como Maria Judice, duqueza sempre dos bicos dos pés á cabeça, até quando canta a canção do vinho com a soldadesca.

Foi pois uma verdadeira *sorte grande* do Natal que o Taveira apanhou com a escriptura da notavel cantora, que os nossos amigos do Brasil terão seguramente ensejo de applaudir com o mesmo enthusiasmo com que nós aqui o fazemos.

Wenceslau Pinto dirige a orchestra e toda a partitura como um consagrado, que é, e muito me desvanece tel-o adivinhado, ahi aos 12 ou 13 annos, concorrendo para fazer d'elle o musico extraordinario

a que o seu raro talento tinha direito. Muito e muito bem como sempre.

E Taveira!... Pois se o demonio do homem até bailarino nos sahio!... Aquella ensenação é estonteante e magnifica. Não ha uma figura quieta ou pasmada, e com o palco cheio de gente tudo aquillo gira e gesticula, tudo dança, tudo ri, brinca tudo, brinca tudo minha gente!

E eis a *Gran-duqueza de Gerolstein!*

O sr. Ferrari, canta, e no Fritz atura-se o seu portuguez (?). Fez-se porém palonço, tanso, quando o Fritz é coisa diferente. E os outros são ornamentações para que o trabalho de Maria Judice brilhe com mais esplendor ainda.

E eis tudo.

## THEATRO POLYTHEAMA — «A mulher moderna»



Ultimo acto

(Phot. de ...)

## A navegação para o Extremo-Oriente



O vapor «Kleist» que recentemente inaugurou as carreiras entre Lisboa e Macau

**Gymnasio** — Sociedade onde a gente se aborrece, de Pailleron, tradução de Furtado Coelho.

Gentilíssimas leitoras, do meu maior respeito.

Vossas excellencias farão favor de olhar bem para mim e repararem na minha farta cabelleira castanha, no meu incipiente buçosoito que á força de ferro e cêra recurvo, aos cantos dos labios, em graciosos *croques*. Bem quizera espetal-os, esses pellitos macios e sedosos, á laia de fueiros, o que chamam á Kaizer, mas os malditos, por mais que os puxe... não ha meio. São a minha preocupação constante, e não crescem; parece que ficarão sempre assim! O meu olhar vivo, a maciesa da minha pelle rosada e setinosa, deixam advinhar facilmente que, se passei dos 20, não foi ainda ha muitos mezes...

São segura garantia d'isso o meu sorriso alegre e jovial, o garbo e aprumo do meu andar. Sou um rapaz em plena vida, no alvorecer das paixões, no periodo dos sonhos cor de rosa, pensando no dia d'amanhã a amontoar phantasias...

Mas, dirão Vossas excellencias, gentilíssimas leitoras, o que temos nós com isso? Que nos importa se o chronista é velho ou novo, elegante ou desenjarcado? Não queremos casar com elle....

Pois minhas senhoras, de todo o meu respeito, ahí é que está o *busilis!* E' ahí mesmo...

Eu me explico: venho a dizer na minha que eu nunca vi representar a *Sociedade onde a gente se aborrece* traduzida por Gervasio Lobato que, ouvi contar, quando era ainda muito pequeno, ter ido á scena em D. Maria II por uns artistas que se chamavam Virginia, Gertrudes Rosa Damasceno, Amelia da Silveira, João e Augusto Rosa, Eduardo Brazão, e ainda outros illustres desconhecidos para nós rapazes de hoje. Como vêem, pelo que dito fica, eu não posso fazer confrontos. Tenho de aceitar a peça como ella agora nos aparece, representada por artistas meus contemporaneos, no theatro de Gymnasio Dramatico e sob a direcção intelligente e illustrada da grande comediante Lucinda Simões, gloria da scena portugueza onde tanta notabilidade tem havido e onde ella, pelo seu talento e cultura de espirito, soube vincar, desde que appareceu em publico, ha cerca de meio seculo, um logar proeminente e de extraordinario relevo.

Isto é o que ouvi dizer, porque, ha meio seculo, é evidente eu não podia ter visto representar a extraordinaria actriz. E' o que contam... é claro... como agua.

*Audentes fortuna juvat* diz o proverbio. E o proverbio é bem certo. Realmente pôr a *Sociedade onde a gente se aborrece* em scena é uma d'estas audacias que só a confiança absoluta no seu saber e no seu prestigio profissional explicam. E o facto é que triumphou a grande actriz vendo coroados os seus esforços do melhor exito... possivel.

Eu já tenho visto representar o *D. Cesar de Bazan por furiosos* e d'uns que ha que se atiram ás obras primas, e que fazem coisas incriveis, obrigando-nos a rir quando se deve chorar e arrancando lagrimas commovidas de comiserção nos lances mais alegres da peça! Eu até já vi essa obra prima da litteratura dramatica da escola romantica, *Morgadinha de Valflo*, esfaqueada e achinchalhada por uns outros furiosos. E assim mesmo a peça resistiu e as suas belezas triumpharam

dos malvados salteadores que pretendiam esfrangalhar-lhe as entrannhas.

Ora o caso presente differe d'estes. Lucinda Simões é uma mestra que soube afinar a sua *entourage* a ponto de tornar agradável a audição da delicadissima peça de Pailleron.

E' claro que se me curio da amnesia e se Mephistoles me retirava a sua protecção e auxilio e eu caio na triste realidade encontrando-me velho e tão velho que os vi estreiar a todos elles, se pelo espirito me passa a figura inconfundivel de Rosa Damasceno, unica no seu genero, porque nunca houve outra que conservasse a infantildade na voz e o porte gracil da falecida actriz, se me lembro de Amelia da Silveira, que morreu muito nova, e teve na miss Lucy a sua melhor corôa porque o papel parecia ter sido escripto para ella, eu tenho que confrontar. E se houver alguém que seja capaz de dizer que João Rosa pode, embora na rabula mais insignificante, ser substituido seja por quem fôr, dir-lhe-hemos que está caçoando.

E Virginia é tão extraordinaria actriz que o seu logar ficará para sempre vago na scena nacional.

Mas as grandes obras primas que tiveram os seus interpretes nos geniaes artistas para quem fôram escriptas, muitas vezes teriam de ficar eternamente nos archivos se não houvesse quem se abalancasse a represental-as. Leonor de Valflo como Emilia Adelaide, para quem Pinheiro Chagas a escreveu, nunca mais houve. E todavia, arredonda por um bom quarteirão as *Morgadinhas* que tenho visto em portuguez e italiano.

Assim pois, e isto é tudo, se não tivessemos assistido ás primeiras representações da encantadora comedia, sempre nova, sempre da actualidade, sentiriamos um verdadeiro deleite ouvindo-a agora pelos artistas que a grande actriz dirige e ensina, porque o desempenho é correcto e mesmo agradável.

O diabo... — o diabo é lembrar-se uma pessoa de D. Maria II com a traducção de Gervasio. Mas já lá vão tantos annos...

A traducção que Lucinda adoptou para o Gymnasio é conhecida dos brasileiros porque foi a que o falecido actor-author Furtado Coelho, fez e representou no Brasil quando a de Gervasio Lobato se ouvia em D. Maria II.

A todos, os nossos cumprimentos e em especial á talentosa actriz Lucinda Simões que recebeu do publico a justissima homenagem ao seu trabalho, ao seu talento e ao seu saber ao serviço d'uma tenacidade perfeitamente mascula.

Quem consegue aquelle conjunto assim harmonico, tambem é capaz... de ensinar pulgas a puchar carrinhos!

Acceite as minhas homenagens muito sinceras e um grande aperto de mão.

**Polytheama** — Escrevemos no ultimo numero: coros, menos maus, sem favor. O sr. typographo comeu o menos, e o sr. revisor (fui eu, mas não digam nada a ninguem) deixou passar. Vou dar um cachação ao revisor. Ha de emendar-se, por força.

PEDRO DO CARVALHAL.



O sr. Daniel Lane e seus filhos, agentes da companhia com quem o governo portuguez celebrou contracto para a navegação entre o nosso porto e o de Macau.

(Phot. de ...)

